



MORTALIDADE DE INOCENTES ESCRAVOS EM SÃO FRANCISCO DE PAULA (1812-1834)

MARQUES, Rachel dos Santos¹

¹Departamento de História e Antropologia – ICH/UFPel
Rua Alberto Rosa, 154 - CEP 9610-770. rachelmarques@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi realizada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Pelotas, e teve como objetivo investigar a mortalidade de inocentes escravos na Freguesia de São Francisco de Paula entre 1812 e 1834. O marco inicial se dá em função da formação de freguesia, e portanto do início da documentação utilizada como fonte. O marco final foi escolhido em função do início da Revolução Farroupilha, em 1835, que desestabilizou a sociedade Rio-Grandense, havendo um grande deslocamento de pessoas, inclusive alguns charqueadores que, juntamente com seus escravos, deixaram a região pesquisada. Essa desestruturação da sociedade se reflete na documentação trabalhada.

A região escolhida para estudo se constituiu como um dos principais pólos escravistas do Rio Grande do Sul, e, como tal, foi também foco de diversos estudos acerca da escravidão (Assumpção, 1991; Bakos, 1982; Cardoso, 1962; Maestri, 2006; Al-Alam, 2008, entre outros). Entretanto, na bibliografia encontrada que trata da escravidão em São Francisco de Paula, muito pouco se trabalha questões como condições de vida dos escravos, família escrava, reprodução e mortalidade. Nesse sentido, buscou-se fazer uma investigação que contribuísse para um melhor entendimento desses temas.

Como já foi referido, a pesquisa teve como foco a parte da população escrava identificada enquanto inocente. O termo *inocente* era utilizado para designar pessoas que já tivessem recebido o batismo, mas ainda não tivessem feito a primeira comunhão (geralmente pessoas entre 0 e 7 anos) e foi escolhido para identificar o grupo estudado diante da dificuldade existente de se definir o conceito de infância para o período em questão. No entanto, ainda que o termo se refira geralmente a pessoas de 0 a 7 anos, foram incluídos na pesquisa os registros referentes a pessoas com 8 anos, por serem elas também referidas como *inocentes*.

Foram utilizados para a realização da pesquisa os registros de óbitos de escravos da Freguesia, cujos assentos foram feitos em livro separado daquele destinado ao registro dos óbitos de livres. Utilizou-se principalmente o Primeiro Livro de Registros de Óbitos de Escravos da Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1846).

2. METODOLOGIA

Dos 1439 registros de óbitos de escravos referentes a o período estudado, elegeu-se para a pesquisa aqueles que incluíam falecidos nas seguintes condições: ter estatuto social de escravo ou filho de escravo, pertencer à faixa etária dita *inocente* - 0 a 8 anos segundo os critérios da Igreja, e/ou ser designado *inocente*, *criolinho* ou *pardinho*, por se considerar que, nesses casos, a pessoa cujo registro de morte estava sendo feito, pertencia a tal faixa etária. Desses, foram extraídos os seguintes dados para a análise: nome, filiação (quando há), se é filho natural, legítimo ou ilegítimo, proprietário, idade quando do óbito e causa mortis. Cabe aqui ressaltar que, devido à falta de uniformidade dos registros, que variavam de acordo com o período, o pároco, ou mesmo a pessoa sobre quem estava sendo feito o assento, nem sempre todos os dados puderam ser encontrados.

Os dados recolhidos foram colocados em planilha do software Excel e trabalhados através de ferramentas do software, de maneira que se pudesse organizar os mesmos de acordo com categorias como faixa etária (subdivisões da faixa etária inicial) causas mortis mais recorrentes, entre outras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontrou-se, de um total de 1439 registros de óbitos de escravos, 377 óbitos de inocentes (26,2%). O Quadro 1 apresenta esses óbitos subdivididos por faixa etária.

Quadro 1
Idade dos Óbitos de Inocentes Escravos
Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1834)

Idade	Número	Porcentagem
de 0 a 1 ano	204	54,1
de 1 (13 meses) a 2 anos	75	19,9
de 2 (25 meses) a 5	52	13,8
de 5 a 8	24	6,4
Não consta a idade, ou estava ilegível	22	5,8
<i>Total</i>	<i>377</i>	

Fonte: Primeiro livro de Óbitos de Escravos da Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1846).

É preciso lembrar que as idades que aparecem nos registros são, provavelmente, aproximadas. Chega-se a essa conclusão em função da quantidade de idades semelhante, aparentando um *arredondamento* das mesmas. Ainda assim percebe-se que são as crianças menores as mais vulneráveis, pelo acentuado número de mortes nas faixas etárias de 0 a 1 ano e de 1 a 2 anos.

As causas das mortes apresentadas nos registros também são bastante imprecisas. São apresentadas no Quadro 2 as designações de causas mortis que mais constaram nos registros.

Quadro 2
Causa da Morte de Inocentes Escravos
Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1834)

Causa da Morte	Número	Porcentagem
Bexigas	24	6,4
Camaras de Sangue	11	2,9
Espasmo	17	4,5
Febre	77	20,4
Mal de Sete Dias	17	4,5

Moléstia do peito	12	3,2
Moléstia interna	51	13,5
Sarampo	36	9,5
Torpe	9	2,4
Outras	71	18,8
Não consta	37	9,8
Ilegível	15	3,4
<i>Total</i>	<i>377</i>	<i>100%</i>

Fonte: Primeiro livro de Óbitos de Escravos da Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1846).

Causas como *espasmo*, *febre*, e *moléstia interna* demonstram a imprecisão das causas apresentadas nos registros, já que podem se referir a doenças muito variadas, representando por vezes sintomas ou circunstâncias da morte.

4. CONCLUSÕES

A diversidade das causas das mortes encontradas no decorrer da pesquisa pode indicar não apenas uma diferença na maneira com que eram designadas as doenças, em comparação com os dias atuais, mas mesmo um desconhecimento, por parte de quem fazia o registro, da verdadeira causa da morte. *Febre*, *diarréia* e *feridas*, são termos que indicam mais sintomas do que causas, assim como *moléstia interna*, *doença do peito*, ou *inflamação*, poderiam se referir a doenças muito distintas. Essa imprecisão dificulta a investigação e impede que se tenha uma noção exata das causas pelas quais morriam os inocentes escravos.

No decorrer da pesquisa também foram encontrados registros de pessoas que não eram designadas nem como *inocentes*, nem como adultos – esses últimos designados como *solteiro(a)*, *casado(a)* ou *viúvo(a)*. Trata-se da faixa etária que ia dos 9 aos 13 anos de idade. É importante relatar esse fato, pois essas pessoas (e seus registros, nos quais não constavam qualquer das classificações citadas), estariam localizadas numa espécie de *lacuna*: o pesquisador que busca trabalhar com crianças/inocentes não abarca em sua pesquisa essa faixa etária; da mesma forma, o pesquisador que trabalha apenas adultos, não lida com esses registros. É importante perceber isso, principalmente quando se trata de estudos demográficos, pois, ao ignorar o fato de que, dependendo do modo com que a análise é conduzida, pode-se deixar de lado uma parcela significativa da população, o pesquisador pode incorrer em distorções indesejadas.

A partir da pesquisa já realizada, sentiu-se a necessidade de dar continuidade a essa investigação, para que se tenha um conhecimento mais aprofundado do tema. Pretende-se investigar, portanto, as atividades profissionais dos proprietários desses escravos - se localizavam-se em contexto rural ou urbano, se a atividade que exerciam estava ligada ao abastecimento de subsistência, ao abastecimento local e regional ou à produção voltada para o comércio em larga escala. Tudo isso pode informar sobre as relações existentes entre atividade exercida pelos escravos e mortalidade.

Pretende-se também investigar possíveis relações entre a mortalidade e o pertencimento a determinado tipo de família. Além disso, almeja-se comparar o percentual de crianças escravas nascidas e seus óbitos com os mesmos dados para as crianças pardas livres e brancas livres, na tentativa de identificar se há um padrão por estatuto social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL-ALAM, Caiuá Cardoso. *A negra força da Princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. Pelotas: Edição do Autor; Sebo Icária, 2008.
- ASSUNPÇÃO, J. E. O Negro nas Charqueadas Pelotenses. In: TRIUMPHO, Vera (org.). *Rio Grande do Sul: Aspectos da Negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1991
- BAKOS, Margaret Marchiori. *RS: Escravidão e abolição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982
- CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI, Héctor Perez. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- CARDOSO, F. H. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul*. São Paulo: DIFEL, 1962
- MAESTRI, Mário. *O Escravo no Rio Grande do Sul Trabalho Resistência Sociedade*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006;
- NADALIN, Sergio Odilon. *História e demografia: elementos para um diálogo*. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais-ABEP, 2004